

ACIDENTES OFÍDICOS NO PARANÁ ENTRE 2010 E 2021: PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO, PERFIL CLÍNICO E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS

Daniel José Scheliga¹; Adriano Akira Ferreira Hino¹; Marcia Olandoski¹; Julio Cesar de Moura-Leite^{2,3}; Emanuel Marques-da-Silva⁴; Selene Elifio-Esposito¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Escola de Medicina e Ciências da Vida, Curitiba, Paraná, Brasil, daniel.jose_scheliga@hotmail.com, selene.e@pucpr.br, akira.hino@pucpr.br, bio.estadistica@pucpr.br; ²Museu de História Natural Capão da Imbuia, Laboratório de Herpetologia, Curitiba, Paraná, Brasil; ³Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Ciências Biológicas, Escola de Medicina e Ciências da Vida, Curitiba, Paraná, Brasil, jmouraleite@gmail.com; ⁴Secretaria da Saúde do Estado do Paraná, Coordenadoria de Vigilância Ambiental, Centro de Informações e Assistência Toxicológica do Paraná, Laboratório de Taxonomia Animal (LabTax), Piraquara, Paraná, Brasil, ems@sesa.pr.gov.br

Introdução. O acidente ofídico é frequentemente ignorado como uma doença negligenciada, embora represente um problema de saúde pública em todo o mundo. O Paraná registra menos casos, em comparação com outras regiões do Brasil. Este estudo objetivou descrever o número de acidentes ofídicos no Paraná de 2010 a 2021 e identificar os fatores associados aos desfechos clínicos. **Material e Métodos.** Os dados foram coletados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Sistema de Notificação de Animais Peçonhentos (SINAP). As análises incluíram a incidência anual, por Joinpoint Regression; a distribuição, por autocorrelação espacial global de Moran e análise de hotspot; e as associações entre vários fatores, por regressão logística, teste exato de Fisher ou teste do qui-quadrado. **Resultados e discussão.** Dentre os 9362 casos analisados, a maioria ocorreu nos meses mais quentes e em áreas rurais. Dentre as peçonhentas houve queda de 7,74% na incidência. Nesse grupo, *Bothrops* spp. causou a maior parte dos acidentes (69,19%). Os acidentes com as não peçonhentas aumentaram 6%. *Thamnodynastes* spp. e *Philodryas* spp. foram as mais proeminentes. Se destacaram os casos com *Dipsas* spp, que difere de outros trabalhos. A morte foi associada à idade >65 anos (odds ratio [OR]=5,5; intervalo de confiança de 95% [IC 95%]=2,6-11,5), analfabetismo (OR=5,9; IC 95%=1,7-20,4), atendimentos superiores a ≥6 h (OR=3,6; IC 95%=1,6-8,0) e complicações locais (OR=15,8; IC 95%=7,4-33,2) e sistêmicas (p<0,001). Um caso de insuficiência renal aguda foi relatado em um acidente envolvendo *Pseudablabes patagoniensis*, ocorrendo com uma criança de 10 anos e atendimento após 24h. Existem poucas descrições de complicações sistêmicas com as serpentes não peçonhentas. Contudo, as crianças podem ser mais vulneráveis ao desenvolvimento de complicações, devido ao seu menor peso corporal. O aumento da atividade humana, mudanças ambientais, melhorias na notificação do SINAP e do Centro de Informações e Assistência Toxicológica do Paraná, podem ser fatores que contribuíram para o cenário atual. **Conclusão.** Este estudo enfatiza o reconhecimento das picadas de serpentes como uma preocupação de saúde pública, devido ao seu potencial de causar complicações clínicas significativas. Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão do cenário local de acidentes ofídicos e podem ajudar a informar intervenções direcionadas e estratégias de prevenção para reduzir o impacto dos acidentes ofídicos nesta região.

Palavras-chave: picada de serpentes; envenenamento; doenças tropicais negligenciadas.

Agradecimentos: à equipe da Divisão de Vigilância de Zoonoses e Intoxicações da SESA/PR, pelo auxílio no acesso aos dados do SINAN e à equipe do Laboratório de Taxonomia Animal (LabTax), pela identificação dos animais na base de dados do SINAP. D.J.S recebeu bolsa CAPES (código 001).